CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
13 de Outubro de 2021
DIRK BOGARDE – ATOR DAS SOMBRAS

DADDY NOSTALGIE / 1990

Um filme de Bertrand Tavernier

Argumento: Colo Tavernier; diálogos de Colo e Bertrand Tavernier / *Imagem (35 mm, Eastmancolor, Panavision):* Denis Lenoir / *Cenários:* Jean-Louis Povéda / *Figurinos:* Crjstian Gasc / *Música:* Antoine Duhamel / *Montagem:* Arianne Boeglin / *Som:* Michel Desnom / *Interpretação:* **Dirk Bogarde** *(Tony Russell)*, Jane Birkin *(Caroline)*, Odette Laure *(Miche)*, Emmanuelle Bataille *(Juliette)*, Charlote Kady *(Barbara)*, Michèle Minus *(Caroline em criança)*, Sophie Dalezo e Sylvie Segalas *(as enfermeiras)*, Fabrice Roux *(o pescador)*, Louis Ducreux *(Mr. Metro)*; *narração:* Bertrand Tavernier
Produção: Adolphe Viezzi, para Cléa Productions (Paris) / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 105 minutos / *Estreia mundial:* 7 de Fevereiro de 1990 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

****
AVISO: devido à chegada tardia da cópia, não foi possível elaborar a "folha" de sala. Em substituição, propomos um artigo de Lorenzo Codelli, publicado no número 353-354 (Julho/Agosto de 1990) em *Positif*.

****
Cada espectador poderá encontrar neste filme uma infinidade de ecos, implícitos ou diretos, das suas experiências familiares mais íntimas. Não há uma única cena que não irradie um grande calor, que não nos comunique algo de modo direto, sem mediações pseudo-intelectuais. É quase impossível isolá-las, descrevê-las, como é costume num artigo. Todas se imbricam, motivam-se umas nas outras e a evolução dos três personagens principais - o pai, a mãe, a filha - não conhece nenhuma pausa que distraia, nenhuma descrição exterior.

Por exemplo: admiremos o instante fugidio, mágico, em que o pai e a filha sobem uma escada e cada um cantarola uma estrofe da canção *These Foolish Things*, momento em que se dá uma imensa fusão entre os dois personagens e entre as gerações opostas a que pertencem. Devemos ter em mente que eles acabam de sair de um impiedoso embate verbal, que ele sobe as escadas com esforço devido a uma recente operação, que ela é perseguida por nada agradáveis lembranças da infância, que os dois estão a caminho de uma redefinição autocrítica das suas relações, ao passo que o terceiro elemento do triângulo ficou em casa.

Ainda que Bertrand Tavernier não o tivesse dito na sua conferência de imprensa em Cannes, teríamos percebido que a rodagem de **Daddy Nostalgie** correu maravilhosamente bem, devido à atmosfera plácida em que de desenrola esta narrativa à Ozu. Em vez de Chishu Ryu, reencontramos, depois de uma ausência incrivelmente longa dos écrans, o nosso caro Dirk Bogarde, apaziguado, rejuvenescido e, apesar de tudo, sempre terrivelmente ambíguo e ameaçador. A sua história pessoal, o seu isolamento e o fim do seu exílio na Riviera, foram descritos nos seus esplêndidos livros autobiográficos, cujo último volume, de forma epistolar, *A Particular Friendship*, acaba de ser publicado pela Viking Press e lê-se de um só golpe. Isto aumenta a dimensão humana do protagonista do filme. É claro que Jane Birkin e a surpreendente Odette Laure também trouxeram muitas palavras e gestos aos subtextos dos seus personagens respectivos. Deste modo, o tão delicado argumento escrito por Colo Tavernier, inspirado pela morte do seu próprio pai, enriqueceu-se com outras referências. A dedicatória a

Michael Powell – que faleceu, como o pai do realizador, depois de concluída a rodagem – também cresce, como um ramo numa árvore; nesta vivenda provençal abandonada que pai e filha espiam através das grades e que a câmara acaricia, dançando à sua volta, que guarda a lembrança de amores de juventude que o homem ali vivera, que o próprio Powell pertencera ao mesmo grupo de amigos, há meio século.

No metro, perto do desenlace, a rapariga roça por acaso um homem idoso, Louis Ducreux, que interpretara o papel de outro pai em declínio, em **Un Dimanche à la Campagne**. Ele talvez surja precisamente no instante em que o outro pai, Dirk Bogarde, está a morrer. Há nisso um sentido cíclico de reencarnação espiritual, de uma herança que não pode ser transmitida por palavras (note-se a utilização de duas línguas, inglês e francês, das quais nenhuma das duas é completamente aceite pelos personagens), de "fim" remetido ao próximo encontro, com novas figuras paternas.

Lorenzo Codelli